

A ABORDAGEM DA GEOGRAFIA FÍSICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Jully Gabriela Retzlaf de OLIVEIRA¹

Gessyca Priscila FERNANDES²

RESUMO

A missão da Geografia no ensino é a de alfabetizar o aluno na leitura do espaço geográfico, em suas diversas escalas e configurações. Já a Geografia Física, volta-se para o estudo da dinâmica natural da Terra e as derivações oriundas da ação antrópica sobre a natureza. Atualmente tem-se questionado o tratamento didático dado aos temas físicos da Geografia em relação ao material didático, pois alguns estudos apontam para uma abordagem das temáticas físico-naturais de maneira fragmentada, com predomínio da descrição do quadro natural. Portanto, este trabalho tem por objetivo analisar a abordagem dos conteúdos de Geografia Física nos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II utilizados pelas escolas da rede pública de ensino de Cornélio Procopio-PR. Metodologicamente, a pesquisa foi realizada através de leituras de bibliografias especializadas no assunto; elaboração de ficha de avaliação dos livros didáticos; avaliação dos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II e análise dos resultados obtidos. Como resultado, verificou-se que nos livros didáticos avaliados prevaleceu a abordagem tradicional dos temas físicos da Geografia, voltada para a dinâmica da natureza, com enfoque na descrição do quadro natural, nos processos físico-naturais e no tempo geológico, com fraca ou inexistente ligação com a sociedade e as derivações ambientais.

Palavras chave: Natureza. Sociedade. Geografia Escolar.

¹ Doutora em Agronomia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora Adjunta do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus de Cornélio Procopio.

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus de Cornélio Procopio.

THE APPROACH OF PHYSICAL GEOGRAPHY IN DIDACTIC BOOKS OF GEOGRAPHY OF ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

The mission of Geography in teaching is to literate the student in reading the geographical space, in its various scales and configurations, and Physical Geography, turns to the study of the Earth's natural dynamics and derivations from anthropic action on the nature. At present, we have questioned the didactic treatment given to the physical themes of Geography in relation to the didactic material, since some studies point to an approach of the physical-natural themes in a fragmented way, with predominance of the description of the natural aspects of the planet. Therefore, this work had the objective of analyzing the approach of Physical Geography contents in *didactic books of geography* used by the public education of Cornélio Procópio-PR. Methodologically, the research was carried out through bibliographies specialized in the subject; preparation of an evaluation form for textbooks; evaluation of the textbooks of Geography of Elementary School and analysis of the results obtained. As a result, it was verified that in the textbooks evaluated the traditional approach of the physical themes of Geography prevailed, focused on the dynamics of nature, focusing on the description of the natural picture, physical and natural processes and geological time, with weak or nonexistent connection with society and environmental derivations.

Keywords: Nature. Society. School Geography.

1 INTRODUÇÃO

A missão da Geografia no ensino é a de alfabetizar o aluno na leitura do espaço geográfico, em suas diversas escalas e configurações, voltando-se ao estudo da produção e reprodução do espaço a partir da interação sociedade e natureza. Já a Geografia Física, volta-se para o estudo da dinâmica natural da Terra e as derivações ambientais oriundas da ação antrópica.

Atualmente tem-se questionado o tratamento didático dado aos temas físicos da Geografia, tanto no que se refere ao material didático até às práticas de ensino adotadas em sala de aula. Com efeito, tem-se observado, a partir de relatos do estágio supervisionado, uma certa precarização do ensino de Geografia física na escola, sobressaindo a memorização e descrição do fenômenos físicos, características herdadas do tempo de surgimento deste ramo da Geografia.

Alguns estudos sobre a abordagem da Geografia Física nas obras didáticas, tem apontado as temáticas físico-naturais trabalhadas de maneira desconexas e insuficientes ao conhecimento de uma realidade integrada e única, trazendo os conteúdos de forma estanque, resumida e sem considerar a ação antrópica e as derivações ambientais, o que, conseqüentemente, acaba refletindo nas práticas de ensino adotadas na disciplina de Geografia em sala de aula, pois o livro didático é um recurso muito utilizado pelo professor no preparo das aulas, sendo em alguns casos o único referencial que o docente utiliza para preparar as atividades de ensino.

Neste contexto, torna-se necessário analisar a abordagem dos temas físicos nos livros didáticos de Geografia da Educação Básica, uma vez que a abordagem incorreta dos conteúdos geográficos compromete a leitura analítica do espaço e conseqüentemente o desenvolvimento da Geografia Escolar.

Diagnosticar o ensino de Geografia Física na Educação Básica, ainda que seja a partir de sua abordagem nos livros didáticos de Geografia, torna-se interessante, pois pode apontar entraves - obstáculos epistemológicos que emperram a ação pedagógica no ensino destes conteúdos. E também, a análise do material didático permite uma compreensão do lugar ocupado pelos tópicos de Geografia Física dentro da Geografia Escolar.

Portanto, este trabalho tem por objetivo analisar a abordagem dos conteúdos de Geografia Física nos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II utilizados pelas escolas da rede pública de ensino de Cornélio Procópio-PR.

Metodologicamente, a pesquisa foi realizada através de leituras de bibliografias especializadas no assunto; elaboração de ficha de avaliação dos livros didáticos (contendo os seguintes campos: I) identificação da obra (título do livro, autores, editora, ano, Plano Nacional do Livro Didático - PNLD); II) caracterização do capítulo contendo temáticas físico-naturais (capítulo, subtópico, abordagem dos conteúdos físico-naturais em tradicional ou contemporânea por subtópico); avaliação dos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II adotados nas escolas públicas de Cornélio Procópio-PR, sendo: Coleção Projeto Apoema – Edição 2015 (6º, 7º, 8º e 9º anos PNLD 2017, 2018 e 2019, presente em 03 escolas estaduais) e Coleção Didática Expedições Geográficas – Edição 2015 (6º, 7º, 8º e 9º anos PNLD 2017, 2018 e 2019, presente em 07 escolas estaduais) e análise dos resultados obtidos.

2 PERSPECTIVAS GEOGRÁFICAS NA CONSIDERAÇÃO DO TEMPO

Segundo Mendonça (2001a), a Geografia Física se concretiza com Vidal de La Blache, na França, no século XIX e no começo deste mesmo século, naturalistas como Kant, Ritter e Humboldt desenvolveram essa Geografia excepcionalmente de maneira descritiva com foco em narrar os lugares. Esse fazer geográfico foi o que predominou na Alemanha do século XIX e início do século XX. Os estudos desses primeiros passos da Geografia Física não levavam em conta a relação entre natureza e sociedade, pois as regiões estudadas eram praticamente inabitadas. Então, não tendo ação antrópica, os estudos realizados sobre estes lugares os caracterizaram como primeira natureza.

Após as manifestações naturalistas, surgiram duas linhas de pensamento, o Determinismo e o Possibilismo. O Determinismo surgiu como uma escola que se desenvolveu na Alemanha e, dentro da Geografia, deu continuação ao pensamento dos naturalistas alemães, com enfoque generalizante e descritivo. Já com a Geografia Possibilista, há uma ruptura com a antiga Geografia naturalista e, com grande influência do humanismo nessa época, a dicotomia entre os aspectos físicos e humanos se deu com mais intensidade, sendo os aspectos humanos mais enfatizados. A escola Possibilista de La Blache concretizou a ruptura entre os dois ramos da Geografia (física x humana), sendo a Geografia Física uma mera descrição do espaço natural, servindo como auxílio para os estudos da Geografia Humana (MENDONÇA, 2001a).

Dessa forma, segundo Mendonça (2001a), a Geografia Física estava propensa a acabar, se não fosse o surgimento de suas subdivisões. Essa não atenção aos aspectos naturais dentro das abordagens naturalistas e possibilistas, fez surgir o estudo individualizado dos ramos da Geografia Física, como Climatologia, Geomorfologia, Biogeografia, Hidrografia etc. que influenciou o conhecimento geográfico daquele momento e perdurou até o século XX.

Toda a Geografia Física francesa foi influenciada por Emmanuel De Martonne na obra 'Tratado de Geografia Física Geral', que apresentou uma posição determinista. Assim, a Geografia Física, até meados do século XX, teve seus estudos voltados para o quadro natural e totalmente distante da Geografia Humana, ou seja, a Geografia Física demartonianiana esteve longe dos princípios da Geografia geral, já que não incluiu as relações entre homem e natureza e por isso estava estagnada e prestes a enfraquecer (MENDONÇA, 2001a).

Com a chegada dos anos 50 do século XX, houve mudanças no mundo em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Tais mudanças trouxeram transformações no modo de pensar da humanidade, levando assim, a um grande progresso nas ciências. Essa década ficou marcada pelo auge da Teoria dos Sistemas, sendo aplicada às ciências em geral. Dentro da Geografia Física, este método, agregado com a Teoria dos Modelos e o uso da quantificação, configuraram-se numa nova produção geográfica, dando origem à Nova Geografia (MENDONÇA, 2001a).

Mendonça (2001a) frisa que com a Nova Geografia ocorrida na década de 50 com a interação do método Sistêmico-Quantitativo-Modelizador, ocorreram mudanças que marcaram a Geografia Física, tais como a matematização da paisagem e do espaço geográfico, a criação de tipologias de padrões espaciais e a substituição do trabalho de campo por laboratórios. Dessa maneira, o período da Revolução Quantitativa e Teorética na Geografia, impulsionou os estudos de Geografia Física e, de certa forma, enfraqueceu os estudos que tentavam relacionar a ação humana sob o meio natural. Em decorrência disso a Geografia norte-americana, soviética e inglesa produziu estudos da paisagem, do ecossistema, do Geossistema e da Ecogeografia que, atualmente configuraram-se como métodos de estudo aplicados à Geografia Física.

Mendonça (2001a) coloca que é preciso, antes de tratar do desenvolvimento da Nova Geografia, tratar das consequências da Segunda Guerra Mundial e de como elas influenciaram nos estudos de Geografia Física. Os interesses exploratórios das potências desse conflito causaram grandes alterações em espaços onde antes da Guerra, eram livres da ação humana. A nova organização do mundo em capitalismo e socialismo influenciou diretamente no desenvolvimento

das ciências. Nos países socialistas, por exemplo, a Geografia Humana não pode se desenvolver devido à ditadura do proletariado, mas já nos países capitalistas, ela ganhou espaço através dos questionamentos sociais.

Desse modo, a Geografia Humana foi a que mais se sobressaiu com essa influência ideológica, sendo que os geógrafos humanos se fortaleceram com o uso do método quantitativo juntamente com a concepção dialética da sociedade, fazendo com que a Geografia Humana ganhasse um grande avanço, se aproximando da sociologia e da economia, já a Geografia Física era mais próxima das ciências da natureza, mantendo-se distante da Geografia Humana (MENDONÇA, 2001a).

Nos anos 50, a Geografia física caracterizou-se então pelos estudos do quadro natural do planeta, tratados de maneira individualizada entre si e completamente distantes da Geografia humana, constituindo-se verdadeiramente em uma ciência da natureza apartado do princípio básico da Geografia geral (MENDONÇA, 2001a).

A Geografia Física pode se desenvolver dentro dos países capitalistas e socialistas como uma ciência excepcionalmente da natureza, sem inter-relações sociais. A Teoria dos Sistemas, Modelização e Quantificação fizeram com que a Geografia Física produzisse uma ciência neopositivista, com ênfase em fenômenos e suas relações. E ainda, o aparecimento do método científico para os trabalhos de Geografia Física, denominado Geossistema, marcou esses nos anos de 50 e 60. Assim, no fim dos anos 60 procurou-se reorganizar as concepções dos ramos científicos, buscando uma interdisciplinaridade das ciências. Contudo, a separação entre Geografia Física e Geografia Humana ainda se encontrava muito acirrada (MENDONÇA, 2001a).

Com o crescimento populacional mundial desde os anos 50 e o imperialismo capitalista e socialista dos anos 60, houve uma grande mudança nas condições humanas. Para atender a essas mudanças, ocorreu a necessidade de explorar cada vez mais os recursos naturais, ameaçando a natureza. Tais ameaças fizeram surgir movimentos sociais com a iniciativa de ecologistas, em que buscavam alertar à sociedade sobre os riscos que a exploração em grande escala causaria à natureza e a vida humana (MENDONÇA, 2001a). Para Suertegaray e Nunes (2001), as explorações se evidenciaram nos locais onde havia maior concentração populacional, já que o capital intensificou a obtenção cada vez maior de lucratividade. Em razão da preocupação com a exploração e a poluição do meio ambiente, a ecologia ganhou destaque na década de 70 e, por ser próxima da Geografia Física, esta também ganhou um salto positivo. Apesar da aproximação entre a Geografia

Física e a Ecologia, não se pode pensar que elas sejam uma só ciência, já que a primeira possui uma visão horizontalizada em seus estudos e a segunda, tem uma visão mais verticalizada do quadro natural (MENDONÇA, 2001a).

Dentro dessa nova linha de produção da Geografia Física, os geógrafos que mais se destacaram abordando essa temática foram Jean Tricart, Jean Dresch e Georges Bertrand. A princípio, essa nova linha ainda abordava os aspectos naturais de maneira individualizada, sem a ligação com o homem. A partir da abordagem contemporânea é que as ações antrópicas foram interligadas ao quadro natural, compreendendo e analisando o homem como um elemento do meio (MENDONÇA, 2001a). Segundo o autor, a Geografia Física contemporânea, desenvolvida principalmente na França, tem na degradação ambiental, uma de suas principais preocupações. Assim, a necessidade de entender a organização e a transformação da sociedade enquanto produtora de degradação ambiental, fez com que a Geografia Física se aproximasse da Geografia Humana.

Dessa forma, ligar os problemas ambientais tanto aos aspectos naturais quanto aos sociais, fez surgir a Geografia Socioambiental. No século XX houve uma mudança no sentido dos termos ambiente e ambientalismo, uma vez que, estes eram tidos como uma concepção predominantemente naturalista. Na atualidade, fez-se necessário a utilização do termo ‘socioambiental’, pois era insuficiente tratar do meio ambiente apenas por aquela visão naturalista. Dessa maneira, O termo “sócio” aparece, então, atrelado ao termo “ambiental” para enfatizar o necessário envolvimento da sociedade enquanto sujeito, elemento, parte fundamental dos processos relativos à atual problemática ambiental (MENDONÇA, 2001b).

A abordagem ambiental pode ser concebida a partir de dois grandes momentos no qual o ambiente configurava-se num sinônimo de natureza (ambientalismo = naturalismo), prevalecendo desde a estruturação científica da Geografia até meados do século XX. No segundo momento é que se observa o salto dado por alguns geógrafos ao romperem com a característica majoritariamente descritiva-analítica do ambiente natural, passando a abordá-lo na perspectiva da interação sociedade e natureza e propondo, de forma detalhada e consciente, intervenções no sentido da recuperação da degradação e da melhoria da qualidade de vida do homem (MENDONÇA, 2001b).

Nos anos 80 e 90 até os dias atuais nota-se avanços na abordagem das questões ambientais, passando de uma fase predominantemente caracterizada pelo enfoque ecológico, em que ressaltava a vertente naturalista, para uma outra centrada no ambiente, na qual sociedade e natureza compõem

as duas partes de uma interação dialética, colocando a problemática ambiental não somente ligada à Geografia física mas sim à ciência geográfica (MENDONÇA, 2001b).

Desta forma, um estudo elaborado em conformidade com a Geografia socioambiental deve emanar de problemáticas em que situações conflituosas, decorrentes da interação entre a sociedade e a natureza, explicitem degradação de uma ou de ambas. A diversidade das problemáticas é que vai demandar um enfoque mais centrado na dimensão natural ou mais na dimensão social, atentando sempre para o fato de que a meta principal de tais estudos e ações vai na direção da busca de soluções do problema, e que estes deverão ser abordados a partir da interação destes dois componentes da realidade (MENDONÇA, 2001b). Segundo o autor, na abordagem da problemática ambiental, não há apenas um método para a elaboração do conhecimento científico. Tal abordagem demanda tanto a aplicação de métodos já experimentados no campo de várias ciências particulares como a formulação de novos.

Em relação ao estudo do ambiente destacam-se as perspectivas da produção de uma Geografia física global a partir da interação de métodos que tomam a perspectiva vertical (ecossistema) e horizontal (geossistema) das paisagens, abarcando também as atividades humanas enquanto fator da dinâmica da paisagem (MENDONÇA, 2001b).

Os elementos da natureza não devem ser reduzidos somente a recursos, pois antes de assim transformados constituem-se em bens e elementos naturais que possuem dinâmica própria e que independe de sua apropriação social; como tal desempenham papel fundamental na estruturação do espaço geográfico (MENDONÇA, 2001b).

O objeto de estudo da Geografia socioambiental, constructo contemporâneo da interação entre a natureza e a sociedade, não pode ser concebido como derivador de uma realidade na qual seus dois componentes sejam enfocados de maneira estanque e independentes, pois a relação dialética entre eles é que dá sustentação ao objeto (MENDONÇA, 2001b).

Porém, a abordagem da Geografia Socioambiental em alguns geógrafos, não se deu de maneira satisfatória, pois houve uma dificuldade por parte de alguns deles devido à concepção de que a Geografia é uma ciência apenas social, pelo distanciamento da problemática ambiental e pela recusa na compreensão da dinâmica da natureza. Isso porque, a Geografia Socioambiental não demanda de apenas um método para sua construção científica, ou seja, as discussões das questões ambientais necessitavam percorrer pelos marcos disciplinares e também, superar a dicotomia entre Geografia Física e Geografia Humana (MENDONÇA, 2001b).

Segundo Mendonça (2009), a partir da população que vive em um processo de exclusão e injustiça social, é preciso uma compreensão mais complexa dos problemas ambientais, já que, a condição de pobreza está atrelada à condição de riscos e vulnerabilidade socioambiental. Dessa maneira, não seria possível solucionar a problemática ambiental sem antes promover justiça social. O autor ressalta ainda que a crise ambiental também trata-se de uma crise de civilização, sendo preciso criar possibilidades criativas para superação destes impasses.

A Teoria dos Sistemas, que foi desenvolvida nos Estados Unidos nos finais dos anos 20 do século XX e que se fez presente na Geografia bem mais tarde, sobretudo a partir de Sotchava 1962, Bertrand 1968 e Tricart 1977, tem sido usada como a melhor metodologia para os estudos de Geografia Física e é um método que muito influenciou no seu desenvolvimento (MENDONÇA, 2001a). Vale destacar que a Teoria Sistêmica trabalha a ideia de sistemas complexos, a partir das trocas de energia e matéria, abandona a visão fragmentada e absorve a ideia de interatividade e conjunção (NUNES et al., 2015).

O geossistema foi criado pelo soviético Sotchava em 1962. Dando grande impulso à Geografia Física, esse método foi inspirado pelas ciências naturais e pelo reconhecimento de terras virgens na década de 60. O geossistema, de acordo com Mendonça (2001a), é a expressão dos processos naturais e, na questão de abordagem, esse método se utiliza da análise da conexão da natureza com a sociedade, ou seja, os geossistemas são fenômenos naturais, mas o seu estudo inclui os fatores sociais e econômicos, refletindo assim, as paisagens modificadas pelo homem. Para alguns geógrafos, a metodologia geossistêmica dentro da Geografia Física é o seu objetivo principal, todavia, esse método ainda se encontra em desenvolvimento e possui alguns problemas quanto a produção de modelos.

Proposta por J.Tricart e J.Killian em 1979, a ecogeografia é uma das mais recentes metodologias da Geografia Física. Ao ver desses autores, o homem é um elemento da natureza que se encontra ligado por relações de interdependência. Essa proposta não analisa apenas a relação entre ser vivo e meio ambiente como no ecossistema, mas sim, envolve a ação antrópica e, por isso, atua como uma metodologia da Geografia Física. A ecogeografia, portanto é o estudo de como o homem se integra no meio, podendo os homens ser dependes do meio ou estes provocarem modificações nesse ambiente, ou seja, o objetivo dessa metodologia foi ajudar na utilização adequada do quadro natural para evitar sua devastação. Dessa forma, houve a partir da ecogeografia uma preocupação com a degradação ambiental nos estudos de Geografia Física. E também, a

ecogeografia enquanto método científico, por ser mais simples de se utilizar, se deu de maneira bem mais satisfatória do que a metodologia geossistêmica. Porém, sua criação e divulgação ainda é muito recente e, por isso ainda é bastante restrita, principalmente no Brasil (MENDONÇA, 2001a). O autor destaca também que o avanço das técnicas cartográficas, a fotointerpretação e por último a análise das imagens de satélites contribuíram bastante para compreensão dos recursos naturais e ocupação dos solos, sendo estas muito aplicadas na Geografia Física.

O que se espera é que a Geografia, em especial a Geografia Física, construa uma visão plena dos processos de produção da natureza, onde natureza e sociedade sejam integradas, independente da verticalização do tema, ou do recorte espacial, a serem adotados nos estudos geográficos (NUNES et. al., 2015).

A Geografia Física atualmente estuda os processos e as características de formação da Terra, incluindo as atividades humanas que causam interferência no meio ambiente (PETERSEN; SACK; GABLER, 2014). Neste sentido, os autores colocam que a Geografia Física presta especial atenção às relações ambientais que envolvem as pessoas e suas atividades. Vale lembrar que as interações entre o ser humano e o meio ambiente são relações de mão dupla, porque o meio ambiente influencia o comportamento humano e as atividades humanas afetam o meio ambiente.

Finalmente, nota-se que a Geografia Física passou por alguns momentos epistemológicos distintos, onde no início procurava tratar do quadro natural do planeta sem levar em conta a ação antrópica e nos tempos atuais tem buscado em seus estudos, fazer a inter-relação do meio físico com as humanas e a problemática ambiental derivada dessa interação.

3 A GEOGRAFIA FÍSICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL II: ANÁLISE DAS COLEÇÕES DIDÁTICAS “EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS” E “APOEMA”

A seguir serão apresentados os resultados obtidos com a análise de duas coleções didáticas de Geografia do Ensino Fundamental II: Coleção Expedições Geográficas – 6º, 7º, 8º e 9º ano e Projeto Apoema Geografia – 6º, 7º, 8º e 9º ano, utilizadas nas escolas Públicas de Cornélio Procopio-PR. Nos livros, foram analisados os capítulos relacionados aos conteúdos físicos da

Geografia e a abordagem e apresentação dos temas físico-naturais, distinguindo em: abordagem tradicional ou abordagem contemporânea.

Como abordagem tradicional dos conteúdos de Geografia Física foi considerado uma apresentação dos conteúdos com uma predominância da descrição do quadro natural, com pouco ou nenhuma ligação com as atividades humanas, característica marcante dos estudos da Geografia Física no século XIX, que foi caracterizada por estudos dos aspectos do quadro natural do planeta, abordados por estudiosos de maneira individualizada e distante da geografia humana, se constituindo numa ciência da natureza (MENDONÇA, 2001a).

Já para a abordagem contemporânea, considerou-se a apresentação e abordagem dos conteúdos com explicação da dinâmica natural da Terra e as derivações oriundas da ação antrópica sobre a natureza, característica dos estudos da geografia física atual, pois a Geografia Física na atualidade, segundo Petersen, Sack e Gabler (2014) estuda os processos e as características de formação da terra, incluindo as atividades humanas que causam interferências no meio ambiente, tendo na degradação ambiental a tônica da Geografia física contemporânea (MENDONÇA, 2001a).

Nos livros didáticos de Geografia do 6º ano das coleções: Expedições Geográficas e Apoema verifica-se que muitos conteúdos físico-naturais são abordados de maneira tradicional, pois os temas encontram-se dissociados da sociedade e das ações antrópicas (Figura 1), seguindo uma descrição dos conteúdos de maneira descontextualizada e fragmentada, conforme pode-se observar no trecho a seguir: “As temperaturas médias anuais são inferiores a 20°C e as chuvas são bem distribuídas no decorrer do ano, situando-se, dependendo da localidade, entre 1.200 e 1.500 mm anuais” (COLEÇÃO EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS, 6º ano, 2015, p. 184).

No livro do 6º ano da Coleção Expedições Geográficas a ligação das temáticas físicas com a sociedade, quando é feita, aparece na maioria das vezes em textos curtos (às vezes em box separado do texto geral), sem aprofundamento do tema e desconexo do texto geral, fazendo uma abordagem rasa dos problemas ambientais.

No livro didático de Geografia do 7º ano da coleção Expedições Geográficas, apesar de alguns elementos ainda apresentarem abordagem tradicional, a maior parte dos conteúdos físico-naturais é abordado de maneira contemporânea (Figura 2), pois ao apresentar o “meio natural” das regiões brasileiras, os textos fazem uma relação dos aspectos naturais com as atividades humanas e elenca os principais problemas ambientais fruto da relação sociedade e natureza naquele espaço,

como retratado no trecho seguinte: “Os avanços dos projetos agropecuários causam desmatamentos e queimadas, com graves consequências para a flora e fauna, além de erosão do solo e assoreamento de rios” (COLEÇÃO EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS, 7ºano, 2015, p.34).

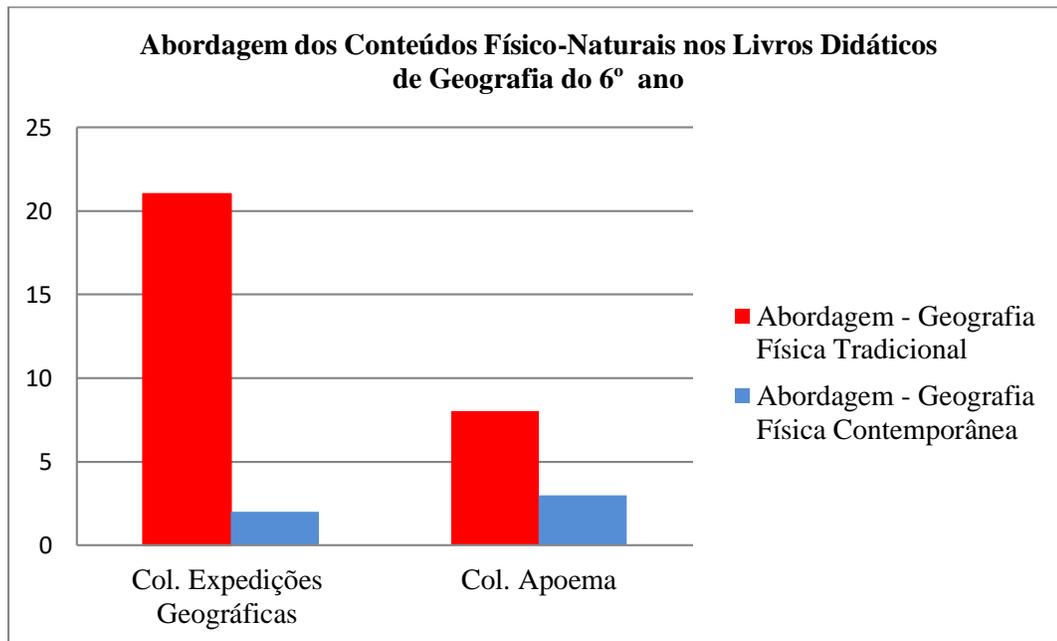


Figura 1 - Abordagem dos Conteúdos Físico-Naturais nos Livros Didáticos de Geografia do 6º Ano.

Fonte: elaborado pelos autores.

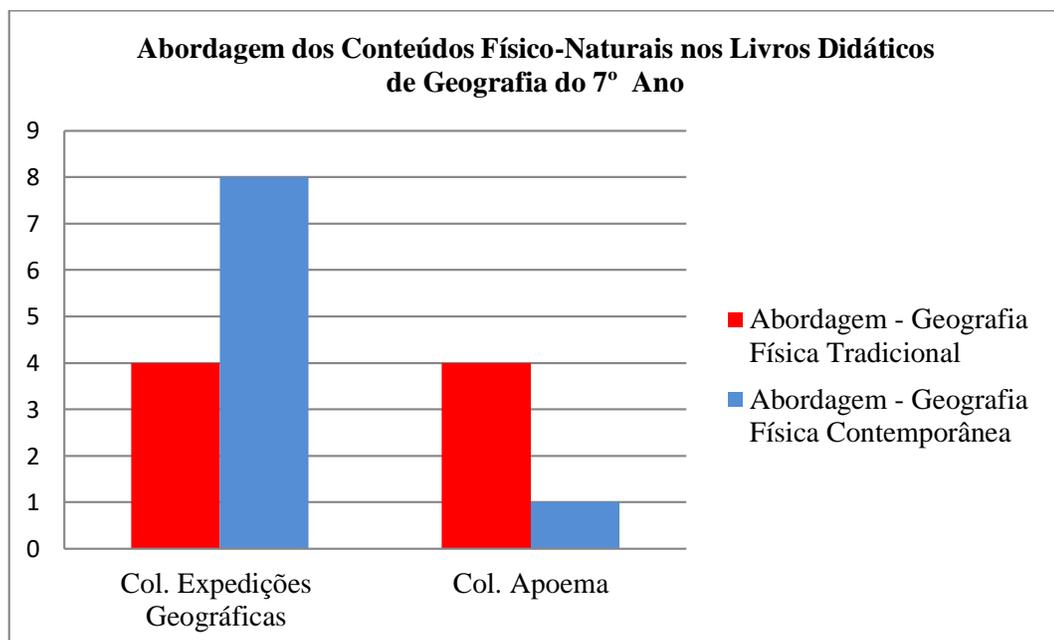


Figura 2 - Abordagem dos Conteúdos Físico-Naturais nos Livros Didáticos de Geografia do 7º Ano.

Fonte: elaborado pelos autores.

Na coleção Apoema, o livro didático do 7º ano apresenta grande parte dos conteúdos físico-naturais de maneira tradicional (Figura 2), visto que os elementos físicos encontram-se dissociados da sociedade e das ações antrópicas, seguindo uma descrição dos conteúdos de maneira descontextualizada e fragmentada, conforme observa-se no trecho seguinte: “A Caatinga é um bioma característico do Complexo Regional do Nordeste. Apresenta variada fisionomia: florestal, arbustiva e herbácea” (COLEÇÃO APOEMA, 7º ano, 2015, p.122). Nos capítulos analisados, a ação antrópica sobre a natureza e os problemas ambientais aparecem no final da unidade e são exemplificados de maneira superficial com trechos curtos de reportagens sobre o assunto no item “diversificando linguagens”.

Os conteúdos físico-naturais nos livros didáticos de Geografia do 8º ano – Coleção Expedições Geográficas são majoritariamente apresentados de maneira tradicional (Figura 3), como observa-se no trecho adiante: “Em virtude da variação de tipos de clima, há diversidade de formação vegetais, com ocorrência de Floresta Tropical, Estepe e Floresta de Pinheiros” (COLEÇÃO EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS, 8ºano, 2015, p. 252).

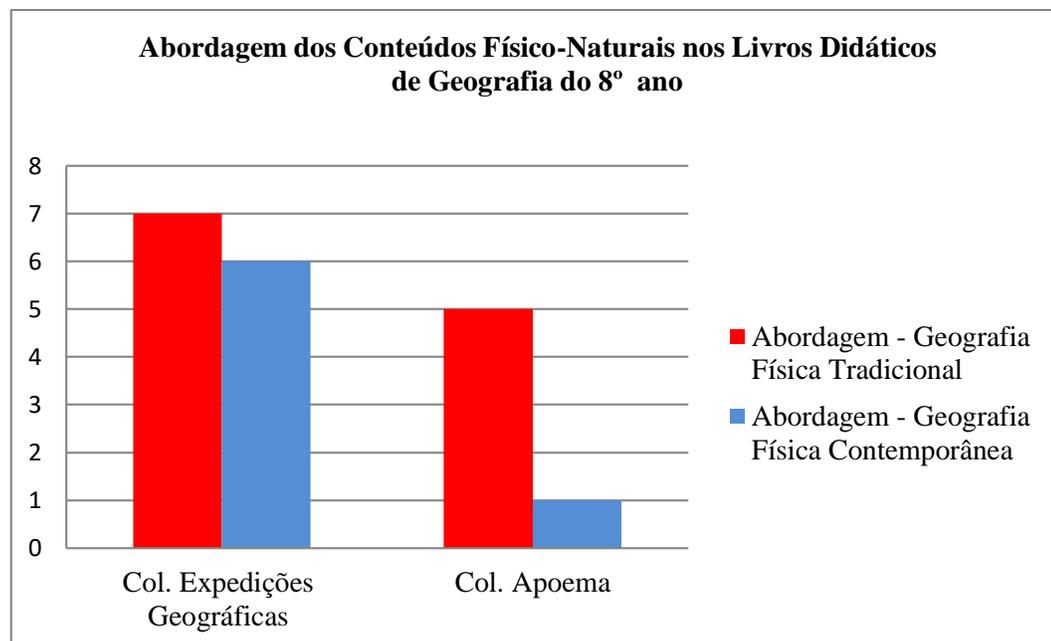


Figura 3 - Abordagem dos Conteúdos Físico-Naturais nos Livros Didáticos de Geografia do 8º Ano.
Fonte: elaborado pelos autores.

Destaca-se que nos capítulos 25, 26, 27 e 28, que tratam dos aspectos geográficos de alguns países da América do Sul as atividades antrópicas aparecem no final do item “aspectos

naturais” em forma de pequeno texto descritivo, apenas apontando as principais cidades, população local, economia etc., sem menção aos problemas ambientais associados da interação sociedade natureza.

No livro didático de Geografia do 8º ano – Coleção Apoema a abordagem dos conteúdos físicos é feita, com exceção de uma unidade, de forma tradicional (Figura 3) ao tratar da dinâmica natural do continente Americano podendo ser notado no trecho seguinte: “Nessas áreas se desenvolvem as savanas (...), onde as chuvas se concentram no verão e o inverno se apresenta mais seco” (COLEÇÃO APOEMA, 8º ano, 2015, p. 24).

Nos livros de Geografia do 9º ano, os temas físicos aparecem em grande parte abordados de maneira tradicional nas duas coleções analisadas (Figura 4). Em relação à coleção Expedições Geográficas, nota-se que o livro didático não apresentou nenhum conteúdo com uma abordagem contemporânea, sendo a apresentação dos “aspectos físicos” ou “meio natural” dos continente Europa, Ásia, África e Oceania de maneira descritiva e enciclopédica, como se as paisagens fossem intocadas, como exemplificado a seguir: “O continente asiático também apresenta diferentes formas de relevo, com destaque para os extensos e elevados planaltos e as grandes planícies” (COLEÇÃO EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS, 9º ano, 2015, p. 142).

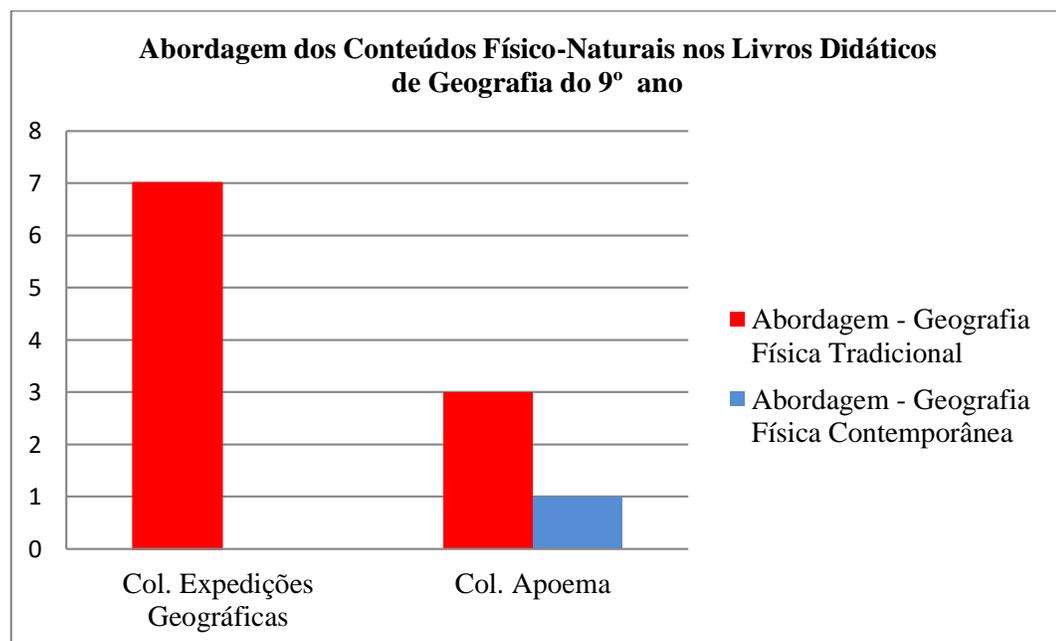


Figura 4 - Abordagem dos Conteúdos Físico-Naturais nos Livros Didáticos de Geografia do 9º Ano.

Fonte: elaborado pelos autores.

Em relação à Coleção Apoema, apenas um capítulo do livro didático apresentou uma abordagem contemporânea dos conteúdos físicos (Figura 4) ao tratar das questões ambientais no item “natureza e sociedade na Europa”, porém, a parte que trata da problemática ambiental aparece num sub capítulo ao final, desfragmentado do assunto principal.

Nos livros didáticos avaliados nesta pesquisa prevaleceu a abordagem tradicional dos temas físicos da Geografia, voltada mais para os fundamentos da natureza, com enfoque na descrição do quadro natural, nos processos físico-naturais e no tempo geológico, com fraca ou inexistente ligação com a sociedade e as derivações ambientais, deixando em segundo plano as interações sociais, ou seja, a ação antrópica sobre a natureza e os impactos socioambientais associados.

De maneira semelhante, a abordagem tradicional também foi verificada por Provenzano e Zamparoni (2016), ao analisar como aparece o conteúdo de climatologia nos livros didáticos de Geografia e concluíram que esse tema é abordado de forma descontextualizada e fragmentada, apresentando um caráter meramente físico e descritivo, desvinculado do social.

Também Andrade (2016) ao avaliar os impactos ambientais no Cerrado, na coleção didática de Geografia chegou à conclusão de que este bioma é citado apenas em seus aspectos físico-naturais. Além disso, os impactos ambientais aparecem nos livros sem ligações especificamente ligados com o Cerrado e de maneira muito superficial.

Da mesma forma, Antonio e Souza (2016) ao analisarem se há uma abordagem sistêmica nos livros de 4º e 5º ano nos conteúdos de Geografia física, perceberam que os aspectos físicos são desconectados dos aspectos sociais. A exemplo, no livro do 5º ano de Geografia do Projeto Ápsis de 2015 no capítulo “o espaço natural”, nos conteúdos “Brasil altitude média e muitos rio” observaram grande ênfase na altitude e no relevo, não sendo as ações antrópicas referenciadas na unidade.

França, Neto e Jesus (2016) ao estudarem os conteúdos de solo e relevo nos livros didáticos municipais de Aparecida de Goiânia, concluíram que esses conteúdos aparecem de forma descritiva sem ligação com a sociedade e, com mais destaque na matéria de ciências do que na própria matéria de Geografia, sem estabelecer uma interdisciplinaridade entre eles. Igualmente Mendes e Novais (2016) analisando o livro didático de Geografia e a abordagem do conteúdo relevo, observaram que o mesmo aparece de uma maneira fragmentada, descritiva e sem relações com o cotidiano do aluno.

Nesta mesma linha, Morais (2014) observou que nos livros didáticos a abordagem dos temas físicos não prevalece de forma integrada. Segundo ela, esses temas são tratados em tópicos, como “gavetas” que pouco ou nada dialogam entre si. Embora sejam abordadas nos livros didáticos as questões sociais ao tratarem os temas relativos ao relevo, às rochas e ao solo, a atenção principal está voltada para a dinâmica intrínseca aos elementos físico-naturais; a sociedade é vista como uma abstração, ou seja, as discussões ficam alheias aos contextos das classes sociais.

Finalmente, em contribuição ao exposto, Lopes (2009) coloca que os conteúdos geográficos ministrados na Educação Básica devem ser apoiados na abordagem geossistêmica como uma metodologia unificadora. Priorizando a compreensão da relação sociedade-natureza numa perspectiva de integração, acentuando não somente os aspectos naturais em detrimento dos sociais ou vice-versa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos livros didáticos analisados das coleções Expedições Geográficas e Apoema dos 6º, 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II constatou-se que os conteúdos físico-naturais são apresentados em sua maioria dentro de uma abordagem tradicional, enfatizando a descrição e apresentação do quadro natural da Terra, com pouca ou nenhuma ligação com a ação antrópica e as derivações ambientais da interação sociedade e natureza, distanciando da proposta atual de uma Geografia Física contemporânea.

Em geral, nos livros didáticos avaliados, os conteúdos de Geografia física são apresentados de forma descritiva e desvinculados do social. A ligação do meio natural às atividades antrópicas quando é realizada, é feita, na maior parte das vezes, em forma de textos curtos, no final dos capítulos, sem aprofundamento do tema e desconexo do texto geral, fazendo uma abordagem rasa dos problemas ambientais. Nos poucos capítulos que apresentaram uma abordagem contemporânea, os textos voltam-se para a explicação dos aspectos naturais, porém, incluem as atividades humanas e os principais problemas ambientais fruto da relação sociedade e natureza naquele espaço.

Admite-se que, mesmo com a evolução da Ciência Geográfica, os conteúdos de Geografia física nos livros didáticos ainda são abordados predominantemente de forma tradicional.

Apontando uma grande problemática para o ensino de Geografia física, já que deveria buscar em seus estudos, fazer a inter-relação do meio físico com as organizações sociais, contribuindo com o estudo dos problemas socioambientais.

Finalmente, os livros didáticos analisados, embora tenham passado por um processo de avaliação do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD, precisam melhorar bastante em relação à abordagem das temáticas físico-naturais e incluir as atividades humanas que causam interferência no meio ambiente e as derivações ambientais decorrentes da ação antrópica, aumentando a discussão da questão ambiental nos tópicos destinados aos aspectos físicos do planeta.

5 AGRADECIMENTOS

À Fundação Araucária e a UENP por proporcionar a realização dessa pesquisa e pela disponibilização de bolsa de Iniciação Científica.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. G. As discussões na geografia escolar sobre os impactos ambientais no cerrado: uma análise dos livros didáticos de geografia para o ensino médio. **Anais do II Colóquio De Pesquisadores Em Geografia Física E Ensino De Geografia: As Contribuições Da Geografia Física Para O Ensino De Geografia.** Goiânia–GO, de 20 a 22 de Novembro de 2016.

ANTÔNIO, E. R.; SOUZA, M. Í. A. Abordagem sistêmica dos conteúdos físicos nos livros didáticos de geografia dos anos iniciais. **Anais do II Colóquio De Pesquisadores Em Geografia Física E Ensino De Geografia: As Contribuições Da Geografia Física Para O Ensino De Geografia.** Goiânia–GO, de 20 a 22 de Novembro de 2016.

FRANÇA, W. F.; JESUS, P. B.; NETO, J. C. L. Conteúdos de solo e relevo no ensino de geografia nos anos iniciais da educação básica. **Anais do II Colóquio De Pesquisadores Em Geografia Física E Ensino De Geografia: As Contribuições Da Geografia Física Para O Ensino De Geografia.** Goiânia–GO, de 20 a 22 de Novembro de 2016.

MENDES, S. O.; NOVAIS, G. S. O livro didático de geografia e a abordagem do conteúdo relevante: um olhar sobre as pesquisas. **Anais do II Colóquio De Pesquisadores Em Geografia Física E Ensino De Geografia: As Contribuições Da Geografia Física Para O Ensino De Geografia.** Goiânia–GO, de 20 a 22 de Novembro de 2016.

LOPES, L. G. M. A. Geografia Física numa Perspectiva Sistêmica Aplicada ao Ensino. In **Centro Científico Conhecer - ENCICLOPÉDIA BIOSFERA**, Goiânia, vol.5, n.8, 2009.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia Física: Ciência Humana?**. 7ª ed. São Paulo. Contexto, 2001a.

MENDONÇA, F. Geografia socioambiental. In **Revista Terra Livre**. São Paulo, n.16, p139-158, 2001b.

MENDONÇA, F. Geografia, Geografia Física e Meio Ambiente: Uma Reflexão a Partir da Problemática Socioambiental Urbana. In **Revista da ANPEGE**, v.5, p.123-134, 2009.

MORAIS, E. M. B. As temáticas físico-naturais nos livros didáticos e no ensino de geografia. In **Revista Brasileira de Educação Geográfica**. Campinas, v. 4, n. 8, p. 175-194, jul./dez., 2014

NUNES, J. O. R. et al. A influência dos métodos científicos na Geografia Física. In **Revista Terra Livre**. São Paulo, v. 2, n. 27, p. 121-132, 2015.

PETERSEN, J. F.; SACK, D.; GABLER, R. E. **Fundamentos de Geografia Física**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

PROVENZANO, G. R. P.; ZAMPARONI, C. A. G. P. A climatologia nos livros didáticos de geografia. **Anais do II Colóquio De Pesquisadores Em Geografia Física E Ensino De Geografia: As Contribuições Da Geografia Física Para O Ensino De Geografia.** Goiânia–GO, de 20 a 22 de Novembro de 2016.

SUERTEGARAY, D. M. A.; NUNES, J. O. R. A natureza da Geografia Física na Geografia. In **Revista Terra Livre**. São Paulo, n.17, p. 11-24, 2001.

Data de recebimento: 17 de setembro de 2019.

Data de aceite: 16 de dezembro de 2019.